

CORRA, HOMEM NEGRO! – UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE IDENTIDADE, GÊNERO E RAÇA NO FILME *GET OUT*.

Andy Monroy Osório ¹
Marco Antonio Lima do Bonfim ²
Funcap

RESUMO

O presente estudo visa compreender como a análise discursiva sobre representações de masculinidades negras no cinema pode contribuir para uma educação antirracista. através do filme *Corra!* (2017). Para tanto, utilizamos como aparato teórico e metodológico o modelo tridimensional de Análise de Discurso para apontar possíveis pontos de diálogos que contribuam para reflexão sobre estereótipos racistas. A pesquisa busca lançar um olhar crítico para a reprodução da imagem estigmatizada do homem negro no cinema, indicar possíveis apropriações pedagógicas do filme a fim de contribuir com a mudança no imaginário social construído sobre o homem negro. Especificamente, focalizamos a reprodução discursiva de estereótipos raciais acerca dos homens negros provenientes de um pensamento colonial. Os principais estudos indicam que a masculinidade hegemônica é branca, heterossexual e burguesa, porém, o privilégio social pela condição de gênero não é compartilhado por todos os homens de maneira análoga, visto que o quesito classe, etnia, religião ou orientação sexual, reconfigura o status e poder social. Os resultados preliminares apontam através da análise da obra que o cinema pode se constituir como um importante material didático para mediar reflexões sobre as ideias circulantes da masculinidade negra e romper com a visão (hegemônica) historicamente sustentada pelos grupos dominantes. Buscamos, por meio desse trabalho, dar visibilidade às produções que envolvem o tema da masculinidade negra, escassas no ambiente acadêmico, bem como fomentar discussões e reflexões acerca dos desdobramentos pluriangulares que o tema proposto inscreve no contexto cinematográfico contemporâneo.

Palavras-chave: Masculinidade negra; Cinema; Estereótipos raciais.

INTRODUÇÃO

Este trabalho será delineado por contextualizações históricas, pois este momento é o nascedouro das problemáticas raciais vivenciadas hoje no nosso país. Num segundo momento iremos nos aprofundar na análise fílmica pretendida, abordando, conjuntamente os conceitos sobre análise crítica(AD), a mídia, a masculinidade e o racismo. A trama inscrita no filme *Corra!* (2017) servirá como material valioso de pesquisa e nos dará informações que acreditamos ser importantes para o desfecho do nosso trabalho. Escolhemos esta obra cinematográfica por razões que nos parecem ser substanciais para o desenvolvimento da pesquisa: o fato do filme ter sido dirigido e roteirizado por um homem negro, o criativo

¹ Mestrando Interdisciplinar em História e Letras - MIHL, Universidade Estadual do Ceará, andymonroyosorio@gmail.com;

² Pós-doutorando em Educação e Ensino (MAIE/UECE), marcoamando@yahoo.com.br

Jordan Peele, bem como a forma em que a trama é proposta – uma contra narrativa ou crítica na construção discursiva dos personagens negros na história do cinema. A parte final da nossa pesquisa propõe reflexões acerca das construções de narrativas dos homens negros em produções cinematográficas. A proposta do nosso trabalho é encontrar caminhos propositivos de atuação que despertem interesse para novos olhares ao tratar-se do tema da masculinidade negra no cinema.

A construção estigmatizada da identidade negra advém possivelmente dos períodos da escravidão pelos colonizadores europeus sobre os africanos. Ao colocarem esse contingente humano sob a mira da mácula, os colonos garantem a justificativa para subjugar esses povos negros, ficando assim livres de qualquer descargo de consciência. SHOHAT e STAM (2006, p.45) “argumentam que as vítimas mais óbvias do racismo são aqueles cujas identidades foram forjadas no caldeirão colonial: os africanos, os asiáticos e os povos nativos das Américas”.

Na expansão colonialista, cujo auge aconteceu nos séculos XVIII e XIX, os meios de comunicação então existentes convenceram os povos mais do que pela coação, de que não tinham outra saída: eram colonizados por uma espécie de fatalidade. Daí, nessa fase histórica, preconceitos de duração secular: o preconceito de raça demonstrava aos africanos que eles estavam predestinados, como raça “inferior”, no caso dos negros, a trabalhar para os senhores (SODRÉ, 2000, p.12).

Jules Harmand (apud SHOHAT e STAM, 2006, p.45) afirma que “a legitimação básica da conquista dos povos nativos[...]é a convicção de nossa superioridade, não apenas mecânica, econômica e militar, mas também moral.” Tratando da situação do nosso país, o povo negro ou afrodescendente no Brasil sempre esteve historicamente ligado à conotações negativas. Os mecanismos que relacionavam essa população à marginalidade, a inferioridade intelectual ou a feiura, de povos que não se encaixavam nos padrões de beleza, eram constantemente reforçadas para justificar as condições impostas a esse grupo social. Stuart Hall argumenta que:

‘Raça’ é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja, o racismo. Contudo, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza. (idem, 2009, p. 66)

Em meados do séc. XIX as primeiras aparições de indivíduos negros em anúncios impressos estavam sempre associados a fugas e crimes como explica SCHWARCZ(2017), a imagem do negro era constantemente associada às ideias de violência, dependência,

barbarismo e exotismo, nas mais das vezes amparadas pelas teorias raciais oriundas da Europa. O trauma histórico é percebido em dados que apontam para uma desigualdade social abismal onde um grupo étnico, os brancos, tem vantagens sociais em detrimento dos restantes grupos étnicos no país, os negros e índios. Lilia Schwarcz explica que:

O contraponto ao ideal de civilização era, via de regra, o continente africano, interpretado “como berço do barbarismo, da violência, da superstição e da magia”. A África, em muitos momentos, era tomada, inclusive, como sinônimo de tudo que indicasse inferioridade ou decadência (idem, 2017, p.117)

É do nosso entendimento que essas construções da identidade dos povos negros são gerados numa engrenagem que escapa a autonomia e ação reativa a esses processos por parte do grupo oprimido. O racismo permeia todo esse processo das relações sociais, culturais e político-econômicas, por isso entendido como racismo estrutural (ALMEIDA, 2018) ou racismo institucional (PEREIRA, 2018). Sendo assim, é possível afirmar que os discursos estigmatizantes que recaem sobre os corpos e as identidades negras são construídos e articulados por uma agência de grupos dominantes, resultando assim, em práticas discursivas carregadas de preconceito. As identidades dos povos negros tendem a ser associadas ao fenótipo, ao pertencimento étnico e ao grau de pigmentação do indivíduo. Por exemplo, se num programa televisivo mostra uma situação de crime cometida por uma pessoa negra, a sociedade não tratará o caso como um fato isolado e tende a associar a infração com a cor da pele, ou seja, o elemento cor se torna um atributo das pessoas de pele escura. Vejamos mais adiante como a mídia opera na construção dos discursos sobre as pessoas negras.

O autor Douglas Kellner (2001) explicita que o seio midiático é um espaço de disputas ideológicas, onde grupos sociais influentes e ideologias rivais lutam pelo domínio através de imagens, discurso, mitos e espetáculos veiculados pela mídia. Essa cultura midiática molda as opiniões políticas e os comportamentos sociais, legitima as relações de poder vigorantes e influencia diretamente a maneira como as pessoas constroem suas identidades, ou seja, um autêntico instrumento de manipulação e domínio.

O rádio, a televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles” (KELLNER, 2001, p.9).

Segundo SHOHAT e STAM (2006, p.268) “nos campos de batalha simbólicos dos meios de comunicação de massas, a luta por representação tem correspondência com a esfera

política”. Percebemos que destas relações existe um grupo sem força política, logo em desvantagens sociais e do outro lado um grupo beneficiário, sendo este último o que tem o poder e o controle das estruturas sociais. Muniz Sodré explica que,

A mídia é o intelectual coletivo desse poderio, que se empenha em consolidar o velho entendimento do povo como “público”, sem comprometer-se com as causas verdadeiramente públicas nem com a afirmação da diversidade da população brasileira. O racismo modula-se e cresce à sombra do difusionismo culturalista euroamericano e do entretenimento rebarbativo oferecido às massas pela televisão e outros ramos industriais do espetáculo. (SODRÉ, 2000, p. 243).

No Brasil os processos de construção dos discursos dos grupos dominantes operam de maneira similar aos da ordem mundial – a ideologia do homem branco inscreve-se nas dinâmicas sociais. A perspectiva racial da TV brasileira é a consequência da implementação do chamado mito da democracia racial brasileira, da ideologia do branqueamento e do desejo de euro-norte-americanização das elites no país. Segundo Joel Zito Araújo(2000, p.65) diferente dos EUA, o Brasil não conta com uma pesquisa de opinião sobre os hábitos e características da recepção de tevê do segmento populacional afrodescendente uma programação exclusiva para o público afrodescendente, apesar de ser uma parcela bastante significativa do consumo televisivo. Ele enfatiza a ausência de um olhar crítico desse público, pois a maioria desse grupo está muito familiarizada com a ordem estabelecida pela produção de TV, marcada por referenciais eurocêntricos. Entendendo que a mídia pode ser lida como um “espelho da sociedade” onde estão as pessoas negras representadas nesses meios de comunicação? Quando acontecem as representações, elas são feitas de maneiras estereotipadas? Se entendermos que existem essas estigmatizações, qual o motivo de suas existências? Nas telas de cinema é possível perceber as construções estigmatizadas de personagens negros?

3. METODOLOGIA

O aporte metodológico da pesquisa será baseado na Análise do discurso, através da qual pretende-se compreender as representações de masculinidades negras presentes nas falas dos personagens, bem como nos gestos, imagens, etc. exibidos pelos filmes por meio da identificação de reforços de estereótipos ou da quebra deles em suas narrativas. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004), no Dicionário de Análise do Discurso, estereótipo e clichê revelam uma cristalização relacionada ao pensamento ou expressão, ou seja, esses autores demonstram a concepção de estereótipos como aquilo que designa o que é fixo, estratificado e cristalizado. A construção dos sujeitos hegemônicos muitas vezes é denunciada através de ideologias que circulam e operam na sociedade que se configuram muitas vezes no discurso midiático. Assim, teremos ainda como base metodológica, o teórico Fairclough

(2001) para fundamentar o pensamento em relação ao discurso e mudança social abordando a forma como ocorre o discurso e como isso determina o seu lugar na estrutura social.

Para realização do trabalho, a primeira etapa será dedicada à leitura e fichamento de material teórico sobre conceitos e discursos sobre masculinidade negra, em face da relação entre os homens negros e a construção de masculinidade negra, bem como de estudos que façam a interface entre cinema, análise do discurso e relações étnico-raciais.

DESENVOLVIMENTO

O cinema interage com os sentidos humanos, podendo preencher vazios sentimentais e carências ideológicas quando bem construídas. O diretor de um filme coloca sua visão de mundo ao construir sua obra, e esses direcionamentos ideológicos podem estar de maneira explícita ou oculta nos filmes. Partindo da premissa dos estudos linguísticos de Norman Fairclough (2001), todo o discurso deve ser analisado sob três aspectos: como texto, como prática discursiva e como prática social. Ou seja, o cinema é uma linguagem utilizada para transmitir a ideologia. Segundo Fairclough (2001), o discurso deve ser compreendido como um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. Compreendemos que as ideologias são construções históricas das sociedades e que em todas as práticas discursivas do indivíduo a ideologia se constitui.

As ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, e reprodução ou transformação das relações de dominação. FAIRCLOUGH (2001, p.117)

Para o historiador francês Michèle Lagny(1997), todo o processo de produção de sentido é uma prática social e que o cinema não é apenas uma prática social, mas também um gerador de práticas sociais, ou seja, é através do cinema que testemunhamos as formas de atuar, de pensar e de sentir de um grupo social, e é também um agente que instiga determinadas transformações, imprime representações ou apresenta modelos. Cabe relacionar esse processo que Lagny(1997) explicita com a produção das práticas discursivas na visão de Van Dijk(2010, p.12) que defende que o discurso “não é analisado apenas como um objeto ‘verbal’ autônomo, mas também como uma interação situada, como uma prática social ou como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica ou política”. Entendemos que qualquer discurso, seja de qual ordem for, está imbuído de uma ideologia

devido a uma localização sociocultural e político-econômico que regimenta as construções discursivas de onde são produzidas.

Resumidamente, quando falamos de discurso, ou de significação discursiva, referimo-nos a resultante de um componente linguístico (que opera com a língua) e um componente situacional (cujo material é psicossocial). Sob essa ótica, a análise discursiva leva em consideração a existência de um ser (não necessariamente uma pessoa: pode ser uma revista, um jornal, um filme), que se dirige a outro, num determinado tempo histórico e em determinado espaço geográfico. BORGES, (2012, p.90)

Entende-se que uma configuração representativa se impõe ao corpo do homem negro, segundo Frantz Fanon (2008) o homem negro não seria um homem, mas um negro. As inquietações sobre o homem negro no âmbito desses discursos estigmatizantes se faz necessário no intuito de romper com essas narrativas fílmicas estereotipadas sobre os homens negros. A produção do discurso hegemônico de representações negativas sobre a masculinidade negra tem como principal fundamento a sujeição e repetição do estereótipo resultante desde o período da escravidão e colonização. A reprodução destes discursos cria e recria o homem negro como sujeito sem autonomia e definindo-o a rótulos e estigmas.

O homem negro também tem sido representado – na verdade, hiper-representado – e produzido racialmente com o concurso agressivo dessas representações que funcionam, entre outras coisas, como estruturas de sustentação para práticas concretas de exclusão, marginalização e violência. Ora, é preciso *desrepresentá-lo* como um modo prático de desalienação e de reconstrução de possibilidades políticas e culturais. (PINHO, 2004, p.66)

Nas sociedades ocidentais a masculinidade hegemônica é branca, heterossexual e burguesa, contudo, a vantagem social pela condição de gênero não é compartilhada por todos os homens de maneira análoga, visto que o quesito classe, etnia, religião ou orientação, reconfigura o status e poder social. Segundo Kimmel as masculinidades são:

Socialmente construídas, (...) nem míticas, tampouco biológicas; (...) (as) masculinidades variam de cultura a cultura, variam em qualquer cultura no transcorrer de certo período de tempo, variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidades e variam no decorrer da vida de qualquer homem individual. (idem, 1998, p. 105).

Os homens que fazem parte dos grupos minoritários são os principais marginalizados pela masculinidade hegemônica, na medida em que estão, simbolicamente, mais distantes dos padrões criados e mantidos pelo grupo dominante. Ou seja, “as relações raciais também podem se tornar parte integrante da dinâmica entre masculinidades” (CONNELL, 1995, p. 80). Nessa relação de busca pela manutenção de status e poder, o homem branco é aquele que garante vantagens sobre os outros grupos não-brancos, mesmo não estando consciente da sua

condição racial, ou seja, dos seus privilégios. Charles Mills complementa que dessa relação existe um contrato racial, onde ele afirma que:

Todos os brancos são beneficiários desse contrato, embora alguns brancos não sejam signatários deste. [...]Será óbvio, no entanto, que o contrato racial não é um contrato no qual o subconjunto de humanos não-brancos podem estar genuinamente de acordo. Pelo contrário, é um contrato entre aqueles classificados como brancos sobre os não-brancos, que são, assim, os objetos ao invés de sujeitos do acordo. (MILLS,1997 p.11-12. Tradução minha).

A questão da masculinidade é um dos pontos centrais da deste trabalho. E vimos nesse filme uma abordagem importante no que diz respeito a identidade do homem negro. A escolha do filme *Corra!* (2017) vem de encontro a nossa principal investigação, analisar discursivamente as representações do homem negro na ficção de Jordan Peele.

Que belo filme de sabotagem é *Corra!* (*Get Out*). Jordan Peele suga a cartilha do “filme jovem de suspense” e, ao regurgitá-la, em vez de entregar um produto genérico, à moda “o sucesso dessa temporada”, nos oferece um filme aterrorizante fundado no desejo de elaboração de uma das mais complexas facetas do racismo, a saber: de um lado da moeda, admiração da branquitude por corpos negros e por mentes negras; do outro, o desdém e desmazelo por nossas vidas. Simples assim. (AUGUSTO, 2017)

O autor acima faz menção ao termo “branquitude” - um conceito que achamos importante relacionar com a temática de nossa pesquisa. A autora Lia Schucman(2014) explica que branquitude é um lugar de privilégios materiais e simbólicos construídos pela ideia de “superioridade racial branca”. Num momento posterior deste trabalho introduziremos teorizações sobre o conceito de branquitude. Os trabalhos das autoras Maria Aparecida Silva Bento e Iray Carone(2002) são pioneiras no país no campo da psicologia a abordar o tema, embora Guerreiro Ramos na década de 1950 já tivesse denunciado que a “branquitude”, termo que não difere conceitualmente da branquitude, teria relação com imagem e poder. Quanto mais nos aprofundamos em nossas inquietações diante das temáticas da pesquisa percebemos o quão intrincado são as dinâmicas das relações raciais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Procuraremos analisar algumas cenas do filme *Corra!* (2017) que concluímos ser importantes para desenvolver a nossa discussão sobre o tema da masculinidade negra no cinema. Vale ressaltar que o diretor do filme, Jordan Peele, traz para o espectador, de maneira perspicaz as nuances do racismo e o *modus operandi* da estrutura social racista onde transita esse homem negro. O filme apresenta uma relação afetiva entre Chris e Rose, que aparentemente é “apenas um casal normal”. Porém, para melhor ilustrar as intenções do diretor acionamos um discurso comum no imaginário social, digo imaginário, pois não há

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

evidências científicas que provem sua veracidade – de que todo o homem negro prefere se relacionar com uma mulher branca. Entendemos essa noção como um estereótipo sobre o homem negro, contudo, estamos cientes dos impactos do racismo nas relações afetivas entre brancos e negros.

É comum o negro não ser considerado um indivíduo e sim a representação coletiva de um grupo marcado por uma estereotipia negativa. É isso que se vivencia no mundo real e é representado na ficção. De forma consciente ou não, a reprodução de estereótipos e, conseqüentemente, o racismo e a branquitude estão presentes na televisão. (BARBOSA, 2004, p. 9).

Outra cena interessante do filme é quando o personagem Chris demonstra inquietude e resistência para ir conhecer os pais de Rose. Ele expressa seu incômodo com a seguinte pergunta - “Eles sabem que sou negro?”. A assertiva de Frantz Fanon parece oportuna - “o negro é escravo da sua aparência”(idem, 2008). Entendemos que o questionamento de Chris nos faz deduzir que a cor dele poderá ser um motivo de estranhamento por parte dos pais. Qual é a associação que Chris supõe que os pais de Rose fazem de sua cor negra com a sua personalidade, ou para fins práticos, com a sua identidade? O linguista Marco A. L. do Bonfim explica que:

Nesse contexto, a linguagem assume um papel de suma importância na construção de nossas identidades sociais, pois é nas e através de nossas práticas linguísticas que nós nos construímos em relação ao outro e o outro em relação a nós. Numa frase, nossas identidades são construídas performativamente. (BONFIM, 2016, p.15)

Constatamos que a ótica identitária do negro é materializado pelo grupo dominante nas suas operações midiáticas. Hall (2015, p.39) confirma, “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros”.

Há um momento no filme em que somos confrontados com um diálogo entre Chris e o Jeremy, o irmão de Rose. Jeremy questiona o motivo de Chris não gostar de esportes violentos, visto que ele teria um porte físico e genética para tal atividade. Bhabha (1998, p. 105) afirma que “o estereótipo é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre ‘no lugar’ já conhecido e algo que deve ser ansiosamente repetido”. Consideramos que o estigma da virilidade máscula criados sobre o homem negro remontam ao período escravocrata, onde o homem africano fora colocado para exercer toda a sua força braçal nas atividades de campo.

Tende-se a esperar que o negro seja sempre superdotado de habilidades corporais diversas como dança, futebol, força física e outras atividades relacionadas à

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

virilidade típica dos criados supermasculinos. Dificilmente, quando queremos eleger atributos positivos aos negros ou aos africanos, conseguimos ultrapassar essas prerrogativas racializadas criadas pela sociedade colonial. (FAUSTINO, 2014 p.81)

Entendemos que para os homens negros há um desafio de romper com estes esteriótipos que existem sobre a masculinidade negra. As vivências experimentadas por esses homens envolvem questões raciais e de gênero, que foram construídas a partir dos conflitos vivenciados no período histórico escravocrata e que sustentam um conjunto de concepções acerca do homem negro nos dias de hoje. É também do período da escravidão que se constroem o ser social negro no Brasil (SCHWARCZ, 2017). Clóvis Moura (1988) aponta que na produção ficcional oitocentista o negro era descartado como ser humano e visto como ser um ser exótico ou bestial. De acordo com Bastide (1972) os estereótipos raciais sempre estiveram evidenciados na literatura brasileira desde o seu início, mas é a partir do século XIX, com a chegada da Abolição, é que os estereótipos do negro passaram a ser baseados nos tipos sociais, em oposição a uma literatura colonial que compreendia o negro enquanto grupo. O autor faz um trabalho de pesquisa importante ao analisar obras literárias nacionais do século XIX, em que aponta alguns tipos de estereótipos sobre a população negra:

o negro bom (estereótipo da submissão); o negro ruim (estereótipo da crueldade nativa e da sexualidade sem freios); o africano (estereótipo da feiúra física, da brutalidade rude e da feitiçaria ou da superstição); o creoulo (estereótipo da astúcia, da habilidade e do servilismo enganador); o mulato livre (estereótipo da vaidade pretenciosa [sic] e ridícula); a creoula ou a mulata (estereótipo da volúpia) (BASTIDE, 1972, p.22).

Achamos importante incluir em nossa análise um outro estereótipo que aparece no filme e é bastante fértil no imaginário social – o fetiche sexual de corpos negros. A virilidade masculina do negro é constantemente reforçada em mídias audiovisuais onde o corpo é a potência máxima em que se consegue positivar o homem negro. Segundo (HASENBALG, 1988, p.184) estes são os “canais de mobilidade considerados legítimos para o negro”. Esses canais estão de certo modo “livres” para os negros, ainda que estereotipados positivamente. O corpo negro atlético e a mulata sensual estão ligados a atributos físicos.

Para ilustrar a análise temos a cena em que a personagem Elisa, depois de ser conhecer a Chris, se aproxima dele e segura o seu braço e interage com o seu companheiro, Nelson. Em seguida, Elisa faz duas perguntas que entendemos estar relacionadas ao fetiche e estigma criado sobre o homem negro. “É verdade? É melhor?”. Para melhor compreender tais condutas, Deivison Faustino (2014) explica que:

[...] é a partir deste referencial fetichizado que o criado supermasculino esboçará sua agência. “Ser negrão de verdade” implica assumir a atribuição de manter-se em cena como uma máquina de sexo: além de “ter a pegada”, deve ser (super) dotado de um pênis enorme, ser um animal na cama, dançar bem, ter habilidades para esportes e outras tarefas manuais, ter força física descomunal, além de jamais recuar perante uma ameaça, mesmo que isso implique o violento (e nem por isso menos glorioso) dilaceramento de seu corpo... O homem negro deve ser “macho ao quadrado” em todas as situações exigidas, e só a partir destes atributos será reconhecido. (idem, 2014, p.91)

Mais uma vez constatamos que a sentença *fanoniana* é acertada para dialogar com a análise da cena anterior do filme – o negro permanece preso na sua negrura. Lugar, ao nosso entender, imposta pelo discurso dominante branco. Para Elias e Scotson (2000), os mecanismos que criam os estigmas não são simples de entender estigmatização, para compreender tais processos significa realizar um exame rigoroso do papel desempenhado pela imagem que cada pessoa faz da posição de seu grupo. Nesse sentido, compreender o status do escravizado significa compreender a mentalidade da elite senhorial.

[...] identidade está profundamente envolvida no processo de representação. Assim, a modelagem e a remodelagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas (HALL, 2015, p. 41).

O discurso de superioridade racial impõe e redefine para os grupos oprimidos a sua condição de “outro” e constrói um modelo comportamental a estes carregados de estigmas. Compreendemos que a construção de narrativa desses corpos negros pelos grupos dominantes são transmitidos de geração para geração e vão se ajustando e reconfigurando de acordo com as formas comunicacionais de cada período.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações dos corpos negros na mídia atribuem com frequência a estes homens o lugar da subalternidade (refugiados, “escravos modernos na Líbia”, em personagens de filmes estereotipados) contribuindo para uma naturalização de corpos negros violentados e marginalizados. Estas imagens revelam a constante negociação e disputa discursiva nas quais a masculinidade hegemônica e aquelas subalternizadas estão muito bem demarcadas pela mídia. Desta maneira, destaca-se o papel central dos meios de comunicação nas representações de estereótipos sobre o homem negro, que possuem estreita ligação com a mentalidade racista difundida durante o período colonial, que contribuiu para a manutenção dos lugares e papéis sociais estabelecidos pelo discurso hegemônico até os dias de hoje. Apesar do discurso dominante atuante, sempre houve por parte dos grupos dominados resistência às formas discursivas estigmatizantes que buscavam reduzi-los a lugares

subalternos. Nesse sentido, sempre se inscreveram formas de resistência e disputas de narrativas por parte desses grupos, visto que aquele que se sente inferiorizado tem a necessidade de falar por si mesmo. As identidades são mutáveis e de acordo com Hall(2015) “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida”. Deste modo, estas disputas, de acordo com Shohat e Stam (2006), sempre envolveram campos de batalha simbólicos dos meios de comunicação de massas e esta a luta por representação tem correspondência direta com a esfera política.

A escolha do filme *Corra!* (2017), diante de inúmeras possibilidades, suscitaram diferentes ângulos de análises no tocante a temática das masculinidades e subjetividades dos homens negros. A proposta de novas abordagens através do olhar sobre o masculino nos estudos sobre raça e gênero, podem incrementar os debates sobre as relações sociais no Brasil, sobretudo por uma perspectiva da afetividade, apontando, assim, para possibilidades concretas de revigoração da identidade negra, de combate ao racismo, machismo e sexismo.

5. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte(MG): Letramento, 2018.

BONFIM, Marco Antonio Lima do. **Língua e identidade: O lugar do corpo nas práticas identitárias raciais.** In Linguagem em Foco (recurso eletrônico). ALENCAR, Claudiana Nogueira de; MELO, Glenda Cristina Valim de, (org). Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE / V. 8, n.2, 2016, Fortaleza, Ce. – EdUECE, 2016.

ARAÚJO, Joel Zito. **A Negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira.** São Paulo: SENAC, 2000.

_____, Joel Zito. **A força de um desejo: a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual.** Revista USP, São Paulo, nº 69, p.72-79, 2006.

BARBOSA, Luciene Cecília. **Racismo e Branquitude:** representações na telenovela “Da Cor do Pecado”. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Porto Alegre, 2004.

BASTIDE, Roger. **O negro na imprensa e na literatura.** São Paulo: ECA-USP, 1972.

BHABHA, H.K. **O local da Cultura.** Belo horizonte: Editora UFMG, 1998.

BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (orgs.). **Mídia e racismo.** Petrópolis, RJ : DP et Alii ; Brasília, DF : ABPN, 2012.

CONNELL, Raewyn Robert. **Masculinities.** Berkeley, CA: University of California Press. 1995.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder.** São Paulo: Contexto, 2010.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAUSTINO, Deivison. **O pênis Sem o Falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo**. Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher / organização Eva Alterman Blay. – 1. ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural e a pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

_____, Stuart. **Dá diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

HASENBALG, Carlos A. **As imagens do negro na publicidade**. In: _____; SILVA, Nelson Valle. Estrutura Social, Mobilidade e Raça. São Paulo: Vértice, 1988.

LAGNY, M. **Cine e história: Problemas y métodos en la investigación cinematográfica**. Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1997.

KIMMEL, Michael. **A Produção Simultânea de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas**. In: Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, nº 9, 1998.

MILLS, W. Charles. **The Racial Contract**. Cornell University Press, 1997.

PEREIRA, Mendes Amauri. (Org). **O Poder Negro**. 2 ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em Branco e Negro**: jornais, escravos e cidadania em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

SHOHAT, Ella e STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos culturais. Petrópolis-RJ: Editora Vozes; 2000.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a Educação**: Diversidade, Descolonização e Redes. 2ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012.

_____, Muniz. **Claros e Escuros**: Identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

PINHO, Osmundo. **Qual é a identidade do homem negro?** Revista Democracia Viva, n.22, 2004.